

uma vida e um significado renovados, por outro ele se recria a cada momento.

Derek Parfit tem razão quando nos mostra que uma identidade pessoal permanente é impossível nos velhos termos cartesianos ou newtonianos. Diante do que conhecemos sobre o cérebro e a dependência do ser em relação a ele, não haveria como adotar a idéia do ser com uma coisa fixa, definida e indivisível, que perdura imutável através do tempo. Mas, renunciando ao ser newtoniano, não ficamos sem *nenhum* ser.

O ser quântico é simplesmente um ser mais fluido, que se modifica e evolui a cada momento, ora separando-se em muitos subseres, ora reunindo-se num ser maior. Ele flui e reflui, mas em algum sentido mantém-se sempre ele mesmo. Sou a pessoa que foi um bebê nos braços de minha mãe, uma adolescente, uma moça etc., mas cada um desses aspectos passados de meu ser também era eu, tal como sou agora. Meu passado revivido não pode ser separado de meu presente, assim como meu presente não pode ser separado de meu passado. Como diz Eliot, “tempo passado e tempo futuro estão ambos presentes no tempo agora”.¹²

Esse é o aspecto indivíduo, ou partícula, da pessoa que sou, a porção de minha identidade que está em diálogo comigo mesma ao longo do tempo. Mas também sou uma pessoa que se relaciona com as outras, e dentro de uma interpretação quântica do ser, tais relacionamentos também definem minha identidade. Portanto, para conhecer plenamente a pessoa que sou, devo compreender os relacionamentos que sou — o aspecto onda de meu ser.

Os Relacionamentos que Eu Sou: Intimidade Quântica

Depois de desenroscarem
Você de mim e o seu do meu,
Ninguém saberá ao certo quem
Era aquele eu cujo meu era você.
Ao ato irão voltar
E mais completamente ignorar.

Robert Graves, *The Thieves*

Conhecer a si mesmo e não conhecer a si mesmo, ser quem se é e ao mesmo tempo fugir do que se é, ser independente e contido em si mesmo e, no entanto, reunir-se aos outros e sentir-se parte de algo maior que si mesmo — estas são tensões que todos conhecemos.

Há momentos em que o fardo do ser, suas percepções, responsabilidades, isolamento são quase mais do que podemos suportar, e em outros momentos lutamos com todas as forças para preservá-lo, para manter nosso sentido de individualidade e propriedade. No poema de Graves, os amantes “perdem-se” de bom grado um no outro, voluntariamente abrindo mão das próprias fronteiras, que de outra forma guardariam e definiriam seus seres distintos. Nenhum dos dois sabe onde termina um e onde começa o outro, “quem era aquele eu cujo meu era você”. Todos valorizamos muito tais momentos de intimidade, na verdade